



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Royal Festival Hall: um projeto e três versões
Autor	JOÃO VITOR OLIVEIRA BERNARDI
Orientador	ANA CAROLINA SANTOS PELLEGRINI

Royal Festival Hall: um projeto e três versões

Autor: João Vitor Oliveira Bernardi

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Santos Pellegrini

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O trabalho parte da ideia de que o projeto de arquitetura, tal qual o objeto construído, é passível de ser valorizado como patrimônio, argumento central da pesquisa “Projeto e Patrimônio: Arquiteturas Extemporâneas”, em cujo âmbito está sendo desenvolvida esta investigação.

O entendimento do projeto como patrimônio decorre do estudo de casos em que o documento aferido com intuito de conservação patrimonial não se encontra encerrado na obra construída, mas é também – ou, principalmente – seu projeto, a exemplo do que ocorre em operações de reconstruções, completamentos ou materializações extemporâneas de edificações concebidas no passado.

Visando à expansão do escopo da pesquisa – no que diz respeito ao repertório de estudos de caso, mas também no que tange à natureza das operações de projeto estudadas –, este trabalho analisa uma obra pouco conhecida, mas de incontestável relevância para a Arquitetura Moderna, a qual passou por uma série de modificações ao longo de sua existência, algumas das quais motivadas pelo desejo de recuperar a espacialidade prevista no projeto inicial, alterada pelas intervenções realizadas ao longo do tempo.

Desse modo, através de revisão bibliográfica, de análise dos dados coletados em visita técnica ao edifício e do levantamento fotográfico – autoral e retirado de bibliografia – almeja-se, além de apresentar a história de seu projeto e de sua construção, discutir questões relativas à originalidade e à pertinência das modificações ocorridas no decorrer da história do *Royal Festival Hall*, situado em Londres.

O edifício em questão teve sua construção iniciada em 1948, motivada pelo *Festival of Britain*, evento ocorrido em 1951 que comemorava o centenário da Exposição de 1851. Em função do exíguo tempo disponível para sua construção, o prédio foi inaugurado inacabado. Por se tratar de uma obra governamental, erigida pelo Departamento de Arquitetura do Conselho do Condado de Londres (CCL), questões de ordem econômica e uma mudança de governo impediram sua conclusão definitiva, prevista para 1953. A retomada dos planos de finalização só ocorreu na década de 1960, e, devido a esse distanciamento cronológico, a equipe de projeto responsável por essa intervenção mudou, o que acabou acarretando em modificações nos planos iniciais. Por essa razão, mais de trinta anos depois, outro grupo de arquitetos – o escritório londrino *Allies & Morrison* – foi contratado para realizar uma terceira alteração, desta vez visando à retomada de aspectos essenciais do projeto original, os quais haviam se perdido como consequência das transformações sofridas nos anos 1960.

Esta última intervenção desperta a discussão sobre questões relacionadas à defesa patrimonial, visto que, na década de 1980, o edifício foi uma das primeiras construções do período pós-guerra a ser listada *Grade I* pelo *English Heritage*, entidade voltada à conservação do patrimônio histórico e arquitetônico inglês. Embora tombado, o edifício passou por importantes modificações, ao que parece, justificadas pela intenção de recuperar a essência prevista em projeto. Porém, de modo geral, não é a materialidade o objeto do tombamento? O trabalho, portanto, visa a apresentar as reflexões realizadas a partir do estudo deste caso polêmico e estimular o debate acerca do patrimônio arquitetônico moderno, tomando o projeto não apenas como documento, mas como instrumento de preservação.